

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**A DIVERSIDADE DE “INFÂNCIAS” CONSTRUÍDAS A PARTIR DO CONTEXTO
SÓCIO-HISTÓRICO E DO AMBIENTE ESCOLAR: UM RESUMO TEMÁTICO**

BARBOSA, Heloísa Monte Serrat¹

BARBOSA, Laura Monte Serrat²

RESUMO

O presente trabalho convida o leitor a um breve passeio pelas "infâncias" historicamente vividas e construídas. Analisa a vivência da criança com o ato de brincar e sua importância para o desenvolvimento infantil. Em nosso país podemos encontrar diversas formas de ser criança e de entender a infância, tudo vai depender do espaço no qual a criança se encontra geograficamente e de seu contexto social. Discute-se o acompanhamento dessa diversidade de infâncias no ambiente escolar. Há também uma reflexão importante a respeito do espaço público (escola) e do espaço privado (residência). A criança, ao entrar em contato com o ambiente escolar, precisará aprender a conviver neste espaço e a escola, a lidar adequadamente com as crianças que compõem as turmas, já que há a diversidade de tempo de aprendizagem entre todas elas. Relata, também, o quanto a experiência de estar na escola, pode ser fantástica se vivida e experimentada de verdade.

Palavras-chave: Infância. Escola. Diversidade.

1 SOBRE INFÂNCIA HOJE

Estes dias olhando pequenos filmes de crianças brincando, na internet nos deparamos com uma infinidade de possibilidades.

Encontramos o menino Maurício brincando de boneca no quintal. Uma delícia! Fez um buraco no chão, encheu de água e ali naquele buraco com água lamacenta ele dava banho na boneca. Colocava-a de ponta cabeça na água, esfregava bem os olhos, lavava os pés... até que achou que havia pouca água e foi buscar mais. Secou a boneca com um pano estranho, mas brincou, brincou de verdade.

¹ Especialista em Psicomotricidade Relacional, Psicopedagogia e Coordenação de Grupos Operativos, Mestre em Psicologia Social Comunitária e autora de artigos na área de psicopedagogia

² Especialista em Psicopedagogia, Psicologia da Educação e Aprendizagem e Coordenação de Grupos Operativos, Mestre em Educação e autora de artigos e livros na área de psicopedagogia.

Em outra situação vimos uma menina brincando de contar história para sua boneca. Quase dois anos, colocava a criança numa cadeira de brinquedo, e com dois livrinhos em mãos se arrumava toda para contar histórias. Dizia: Era uma vez... e mostrava algumas páginas do livro para a boneca, mas não contava o que havia no livro.

Tivemos oportunidade de conhecer crianças pequenas que colecionam brinquedos. Ganham... As mães guardam e elas não brincam. Assistem o filme da galinha, do palhaço, dos bichinhos que brincam no quintal e muitas outras coisas, mas não brincam.

Outros vídeos mostram crianças brincando com outras crianças, mesmo que pequenas, dividindo o espaço, jogando, brigando às vezes, mas juntas.

Ficamos admiradas, como num só país existem tantas formas diferentes de “ser criança”. E se pegarmos filmes de outros países, de outras realidades, outras culturas? E se fizermos uma visita na história da infância no mundo? O que será que vamos descobrir?

[...] estudos e pesquisas têm mostrado, em larga escala, uma nova visão de criança. Essa nova visão nos permite compreender seu desenvolvimento e a forma como ela constrói seu conhecimento, entendendo-a como um sujeito que, desde o nascimento, está inserida num contexto social e dele participa ativamente (SANTOS, 2010, p. 7)

Convidamos vocês a fazerem um passeio pela internet buscando a infância em vários momentos históricos para que você complemente e aprofunde o que nós descobrimos: Infância é um conceito que não é fixo. Nos diferentes momentos da história da humanidade existiram distintos conceitos a respeito da infância; distintas formas de delimitar o período da existência e variadas formas de encarar o comportamento daqueles que fazem parte do primeiro período de vida de um ser humano.

Em um grupo de pesquisa do qual uma de nós faz parte, está sendo realizado um estudo sobre infância e criança e descobrimos que infância é uma categoria que permanece ao longo da história, mas que é interpretada de formas diferentes, ou seja, “infância é uma permanência feita de mudanças”.

A criança ao longo da história e da evolução do homem, nem sempre foi considerada como é hoje. Antigamente ela era caracterizada como um ser ingênuo, inocente, gracioso ou ainda imperfeito ou incompleto. Estas noções se constituíram em elementos básicos que fundamentaram o conceito de criança, entendido como um ser “sem existência social, miniatura do adulto, abstrata e universal”. Portanto, um conceito que independe da cultura ou classe social. Atualmente, uma nova concepção sobre criança vem tomando espaço no panorama educacional: A CRIANÇA COMO SER SOCIAL. (SANTOS, 2010, p. 9).

Na época do homem das cavernas, apesar desta categoria infância existir, ela não era percebida. Com o decorrer da história ela foi sendo percebida e colocada em vários lugares –

como uma categoria que já nasce em pecado; como anjos intocáveis, assexuados, como mão de obra para auxiliar a renda familiar... Como... Como...

Descobrimos então que não existe a Infância, mas as infâncias, cada uma influenciada pelo espaço geográfico em que habita, pelo momento histórico em que vive, pelo nível sócio-cultural no qual convive, pela língua que é falada, pela distância das pessoas responsáveis por elas, pela concepção de ser humano, de mundo e de educação que impera onde nasceu, onde encontra-se mergulhada.

Muitas infâncias, por isso é difícil de prever o desenvolvimento, é difícil afirmar que uma criança está atrasada ou adiantada, pois vai depender de como, naquela sociedade, a categoria infância é compreendida, estimulada, enfim, cuidada e educada.

Então, se morarmos em uma cidade, podemos dizer que todas as crianças daquela comunidade devem comportar-se de tal maneira e desenvolver-se em tal ritmo? NÃO, NÃO... Ledo engano. Descobrimos que além de termos muitas infâncias, temos também muitas crianças e cada uma delas é um mundo de peculiaridades, de modo de ser e de se relacionar com a vida e com as coisas que fazem parte dela.

Para Arroyo (2010, p. 2) "a escola tem dificuldade em reconhecer a diversidade, pois classifica e hierarquiza as crianças em um padrão único".

Só por curiosidade, entre na internet e busque um site da Folha de São Paulo chamado O Mapa do Brincar. Vejam a diversidade de possibilidades de infância e de criança que temos em nosso país. Veja quantas interpretações diferentes uma mesma brincadeira pode ter. Delicie-se com crianças brincando e aprenda com elas.

Pensando nesta diversidade é que acreditamos que essa divisão, na escola, de crianças por idade, por exemplo, é pura convenção, pois elas não têm as mesmas experiências anteriores, não tem os mesmos pais, os mesmos avós, as mesmas histórias, as mesmas descendências, a mesma forma de se alimentar, etc., etc. Alguma coisa relativa ao amadurecimento físico pode se aproximar, mas dependendo de muitas variáveis intervenientes, elas não respondem da mesma forma, com a mesma prontidão. Por isso não podemos como pessoas que educam crianças pequenas fazermos um processo avaliativo que use a comparação entre elas, como princípio.

Cada criança que faz parte da nossa turma de alunos deve ser lida e interpretada como um ser único, como alguém que está chegando de um sistema privado de educação (a família) para um sistema público de educação (a escola). Ela vai aprender a conviver neste sistema público, mas não vai aprender a ser igual.

Como ler a criança como única, com tantos alunos em uma turma? Pergunta importante, mas a resposta não pode ser a da ação massificada, todo mundo faz a mesma coisa. Por quê? Por que facilita o encaminhamento pedagógico e administrativo da escola?

Precisamos buscar respostas para atender o processo educativo e não para facilitar ao adulto.

Se tivermos atividades menos dirigidas podemos ver as crianças movimentando-se, podemos ler aquelas que nos chamam atenção num dia, observar outras em outro dia ou outra atividade; podemos solicitar à nossa auxiliar que desenvolva uma atividade com as crianças e a gente pode se retirar para observar o grupo e cada um dos elementos do mesmo... Ou qualquer outra coisa que você deseje, menos mecanizar para ser mais fácil para você.

2 SOBRE A EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança chega à escola, saindo de um espaço protegido, no qual ela é, muitas vezes, o personagem mais importante. No qual aprende rituais cotidianos. “As crianças, ao vivenciarem e participarem dessas formas usuais autênticas de comportamento em sociedade, introjetam-nas naturalmente, assimilando sua essência e sua mensagem, captando assim a maneira como seus pais pensam, sentem e se relacionam com as outras pessoas.” (OLIVEIRA, 2006, p. 12).

Na escola, portanto... Que turbilhão de sensações... Que medinho... Que vontade de chorar... De morder... De se defender dessas pessoas que não conhece!

O trânsito entre estes dois espaços deve ser realizado de forma cuidadosa, compreensiva, sem muitas regras pré-estabelecidas, mas com muita confiança e segurança.

A experiência nesse espaço público tem, num determinado momento, o olhar, o fazer, o cuidar maternal, sem ser da mãe, sem substituir a mãe e sem criticar a mãe.

Essa é a maior experiência que uma criança da Educação Infantil vai realizar, aprender a conviver num espaço comum a todos, saindo do canto que é seu e de seus familiares. Algumas delas precisam viver essa experiência muito mais cedo do que outras. “...aprender a conviver é talvez o mais nobre e difícil desafio do homem. A escola pode ser vista como um dos lugares por excelência dessa aprendizagem.” (Oliveira, 2010, p. 19)

A primeira lição, para criança, é essa: aprender esse novo espaço, aprender a conviver com outras crianças e outros adultos. É preciso que seja permitido a ela que viva essa experiência de maneira inteira e intensa; que o adulto leve a sério seus sentimentos, ideias e ações; que possa entender o que não é dito a partir do que a criança mostra; e que considere

que esta é uma situação autêntica de aprendizagem e que nosso maior trunfo para lermos a criança em sua unicidade é considerá-la um ser em “situação”.

A experiência, segundo Larrosa (2004) é viver de verdade, deixar tocar-se, deixar passar por dentro, experimentar, saborear, gostar ou não gostar... E chegar à escola é uma experiência fantástica, se ela puder ser experimentada de verdade. “[...] a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho. Esse ponto me parece importante porque às vezes se confunde experiência com trabalho.” (LARROSA, 2004, p. 158).

Muitas vezes, em nome das atividades que estão preparadas para o dia, professores e educadores da infância inibem esta aprendizagem maior, esta que vai lhe proporcionar o crescimento, a mudança de paradigma. Essa que permite que a criança ganhe um novo jeito de olhar o mundo.

Lição, segundo Larrosa (2006), vem de lectio, que quer dizer leitura. Uma leitura e ao mesmo tempo, uma convocação à leitura. Na educação infantil esta leitura é realizada a partir de uma nova página da vida que é mostrada à criança, a existência de um lugar chamado Escola de Educação Infantil.

Quantas coisas ela aprenderá nesta lição, nesta leitura, se nós não nos encarregarmos de artificializar esta aprendizagem como tem sido comum nas escolas destinadas à infância.

Além disso, faz-se necessário, na Escola de Educação infantil, TEMPO! Tempo para viver, tempo para experimentar, tempo para perceber, comparar, sentir, pensar, buscar palavras, expressar, ouvir e tantas outras coisas necessárias para sua vida.

3 EXERCÍCIOS: PENSANDO SOBRE O QUE FAÇO À LUZ DOS FUNDAMENTOS

O caminho a ser percorrido que não deve ser somente teórico. Deve ser um caminho que permita vislumbrar a relação dos conceitos com a prática, poder modificar-se de verdade. É importante colocar os saberes à prova, questionar-se, fazer relações, criticar o que chega, filtrar e modificar os próprios esquemas, desequilibrar-se, ir à busca do equilíbrio e aprender.

Pensando assim, vamos propiciar provocações para que o desequilíbrio aconteça e, nada melhor do que perguntas para que o leitor movimentar-se, de fato, nesse caminho.

Por isso, neste momento precisamos que você se volte um pouco ao seu fazer, e desta forma possa avançar integrando melhor, discurso e ação.

Para isso faremos a você uma série de perguntas:

- Que ideia de infância é veiculada pela cultura na qual você trabalha?

- Existe uma influência da mídia? Ou na região em que mora esta influência não é significativa?
- No caso de levantar a hipótese de que há influência, pesquise entre seus alunos o tempo que permanecem na TV, por exemplo, que tipo de programas assistem e que ideia de infância são divulgadas por esses programas;
- Observe a publicidade existente em sua cidade e veja que ideia de infância esta publicidade está vendendo;
- Assista na internet a um documentário produzido no Brasil chamado “Criança, a Alma do Negócio”. O que você como educador(a) da infância pode aprender? Que reflexões são possíveis de serem feitas? O que faria diferente a partir de suas reflexões? Que tipo de discussão poderia organizar junto às famílias?
- Como é realizada a recepção às crianças que chegam à escola pela primeira vez?
- Existe em sua escola uma regra rígida, ou a chegada acompanha o ritmo de cada criança?
- Qual a participação da família neste momento em que a criança inicia o trânsito entre o espaço privado e o espaço público? Procure saber como acontece este momento em diversas escolas;
- Como organiza as atividades para que a criança vá aprendendo a diferença entre esses dois espaços?
- E a organização do tempo? É rígida ou flexível? Quais os aspectos são privilegiados na organização do tempo? Essa organização inibe a convivência ou permite o desenvolvimento desta aprendizagem?

“A trajetória infantil, não pode ser pensada pela ótica da razão. Ela passa, necessariamente, pela via do brincar.” (SANTOS, 2010, p. 7).

REFERÊNCIAS

- LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- OLIVEIRA, V. B. de. **Rituais e brincadeiras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SANTOS, S. M. P. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores em creche. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010